

sinopse Em 1942, as fronteiras ocidentais da União Soviética são ocupadas pelo exército alemão, enquanto os habitantes das várias regiões vão resistindo e lutando pela liberdade. Perto da aldeia onde vive Sushenya (Vladimir Svirskiy), operário da linha ferroviária, um comboio nazi descarrila. Após o incidente, ele e alguns companheiros são presos pelo grupo alemão. Sem qualquer razão lógica, enquanto os companheiros são executados pelo inimigo, Sushenya é libertado. Isso vai desencadear os rumores de traição à Resistência e a sua condenação à morte pelos próprios companheiros. Quando dois guerrilheiros, Burov e Voitik, atravessam a floresta para o executar, o grupo é apanhado pelos alemães numa emboscada. Depois de conseguir fugir, Sushenya vê-se sozinho com o seu executor, um amigo de infância, ferido com gravidade. Agora, com a intenção de preservar a sua honra, este homem vê-se obrigado a tomar uma decisão moral sob circunstâncias extraordinariamente duras e cruéis.

Adaptação da obra do escritor russo Vasil' Bykaw, um filme dramático realizado por Sergei Loznitsa. Em competição pela Palma de Ouro em Cannes, foi o vencedor do prémio FIPRESCI.

Título original: V tumane (Russia / Holanda / Alemanha, 2012, 127 min.)

Realização e Argumento: Sergei Loznitsa

Interpretação: Vladimir Svirskiy, Vladislav Abashin, Sergei Kolesov

Fotografia: Oleg Mutu

Som: Vladimir Golovnitski

Montagem: Danielius Kokanauskis

Produção: Heine Deckert

Distribuição: Alambique

Estreia: 11 de Julho de 2013

Classificação: M/16



O realismo segundo Loznitsa

João Lopes, Cinemax

Sergei Loznitsa, o realizador de "A Minha Alegria", reaparece nas salas portuguesas com o magnífico "No Nevoeiro": um retrato de contundente realismo sobre a Bielorrússia ocupada pelo exército nazi.

Ainda recentemente, com a estreia de "Lore", da australiana Cate Shortland, compreendemos que há uma tendência actual no sentido de (re)pensar algumas formas clássicas de representação da Segunda Guerra Mundial. O que Shortland fazia era visitar a Alemanha, em 1945, partindo da experiência, não das tropas aliadas, mas de uma família alemã. Agora, através da produção russa "No Nevoeiro", de Sergei Loznitsa, deparamos com o cenário trágico da Bielorrússia, em 1942.

No centro dos acontecimentos estão os resistentes ("Partisans") ao avanço das tropas alemãs e, em particular, as suspeitas de colaboracionismo que se levantam em relação a um deles; ao tentarem desmascará-lo, os seus companheiros vão ter de enfrentar os soldados ocupantes...

Em boa verdade, qualquer sinopse é escassa para caracterizar um filme como "No Nevoeiro", quanto mais não seja porque estamos longe das regras mais tradicionais do chamado filme de

guerra. Desde logo, porque não é a invasão da Normandia pelas tropas aliadas que determina os eventos, e sobretudo porque Loznitsa propõe um espantoso fresco histórico da Bielorrússia, focado nas estratégias de sobrevivência de uma população que já vivia com muitas carências.

Conhecíamos Loznitsa da sua primeira ficção, "A Minha Alegria" (2010), uma galeria de retratos entre a crónica e o sarcasmo. Mais do que isso: sabemos que o seu olhar está ligado a muitos trabalhos de raiz documental. Daí que possamos definir "No Nevoeiro" como o resultado de um labor que, para além de todas as suas variações, nunca renegou uma paixão sistemática pelo realismo. Afinal de contas, alguma da mais interessante produção europeia da actualidade está marcada por uma forte pulsão realista.

No Nevoeiro (2012) de Sergei Loznitsa

Carlos Natálio, À Pala de Walsh, 11 de Julho de 2013

Tal como Arquimedes pedia um ponto de apoio para levantar o mundo, assim o cinema contemporâneo parece reclamar a necessidade de planos longos, lentos, sérios, onde assentar uma atmosfera de gravidade e neutralidade que lide de forma adulta com os "problemas do mundo". Talvez essa mostragem minimal, que pouco compromete, seja talvez ainda a dor do grande trauma, a herança do dito de Adorno que prognosticava a impossibilidade da arte depois dos horrores de Auschwitz.

Essa gravidade está presente no trabalho de documentarista bielorrusso Sergei Loznitsa mas torna-se mais evidente na sua incursão na ficção, quer com a sua obra de estreia Schastye moe (A Minha Alegria, 2010) quer agora com V Tumane (No Nevoeiro, 2012), vencedor do prémio Fipresci em Cannes. Esta reclama um olhar de observação vindo do registo documental, apenso a uma herança literária trágica russa e claro com um propósito de exorcismo das memórias e feridas da Ucrânia vistas à luz da ocupação alemã.

Baseado num romance de 1989 de Vasili Bykov, Loznitsa ensaia uma reflexão sobre a culpabilidade e amizade em tempos de guerra. Numa fronteira ocidental da URSS ocupada pelo exército alemão, Sushenya, trabalhador dos caminhos de ferros, recusa-se a participar na sabotagem de um comboio com os seus colegas. Quando estes são enforcados pelo facto, este também se escusa a um acordo colaboracionista com o investigador nazi. Essa nova recusa – "I cannot do that", responde ao oficial nazi – coloca-o num limbo, entre trincheiras morais, prestes a ser executado por um partisan amigo de infância que o acusa de colaboracionismo.

É aqui que entra a própria realização "em limbo" de Loznitsa. A estratégia realista constrói uma atmosfera de nevoeiro (onde todos podem ser vítimas ou culpados, executores e salvadores dos próprios amigos) de uma floresta-espaco-existencial por onde os seus personagens caminham indistintamente carregando a pá para a sua própria execução ou transportando às costas o seu próprio carrasco. Ou onde permanecem em monólogo como que atingidos pela amnésica gravidade de uma condição sem esperança, sem lutarem por aí além pela sua própria sobrevivência [é o inverso da personagem de Vincent Gallo em Essential Killing (Matar para Viver, 2010) de Jerzy Skolimowski]. E aqui desenha-se o interesse da indecidibilidade de tomada de posição do seu protagonista, como um novo Bartleby.



Mas como já acontecia com a odisseia do camionista em Schastye moe todo o percurso narrativo parece caminhar desse realismo ao simbolismo demonstrativo: a simplicidade de ambos os finais, a gestão explicativa dos flashbacks, a oposição entre a crueldade do mundo e a santidade com que os seus protagonistas nele evoluem.

Por causa desta indecidibilidade entre realismo e discurso, ver V Tumane é observar uma máscara do mundo que cai, é ver a lentidão dos planos a servir uma ambição metafísica que no final se desvanece ante a mais trágica clareza: em tempos de guerra quem não consegue ser morto, deve matar-se. Perante isto, a densidade da vida sob a ocupação transforma-se numa espécie de culpa na sobrevivência que não se sabe bem porquê Loznitsa aborda do ponto de vista de um nihilismo traumático um tanto bafiento. É pena que assim seja quando a atenção ao detalhe, à construção do plano-sequência o colocam como um cineasta virtuoso, muito acima da média.